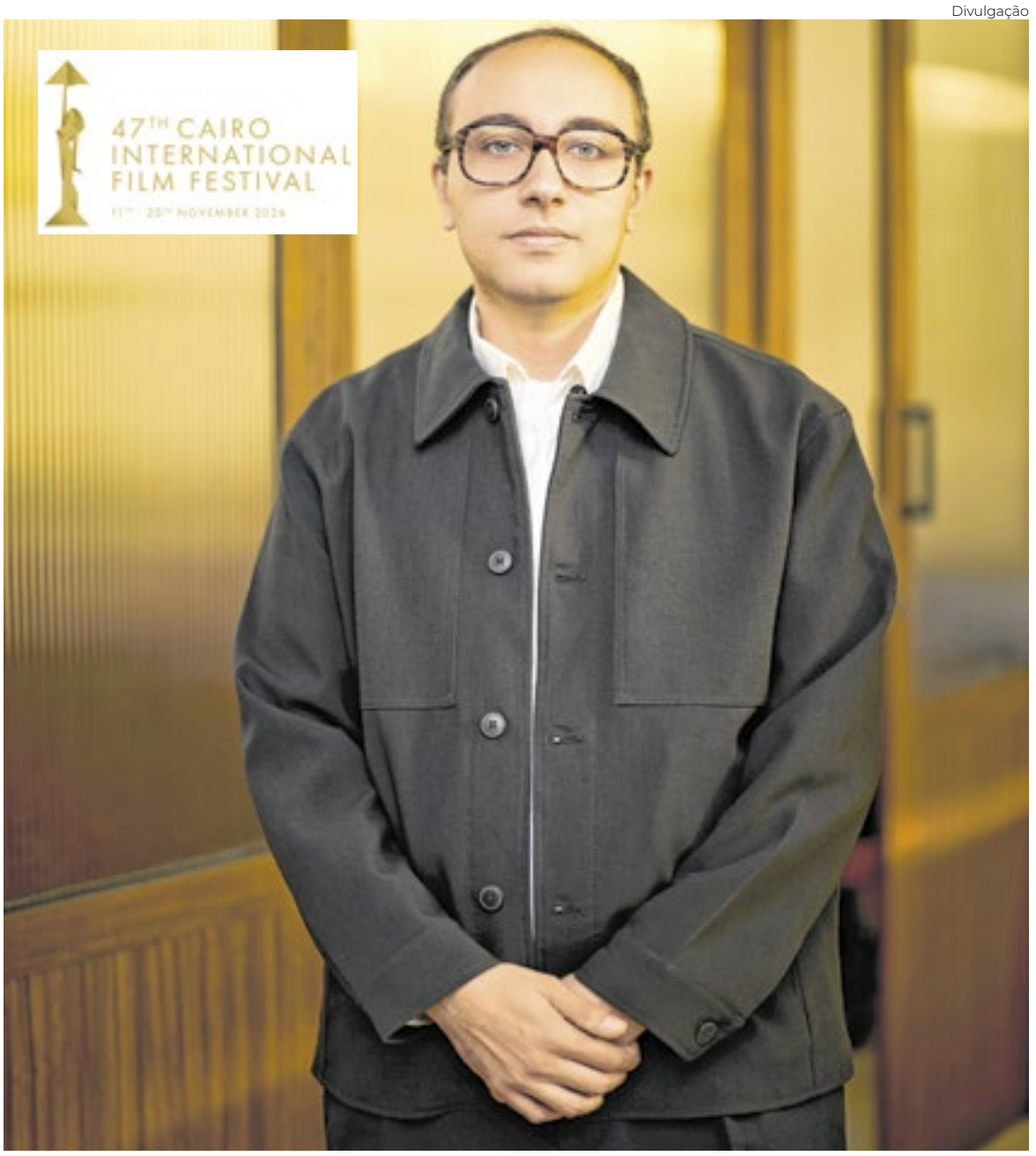
ENTREVISTA | **MOHAMED TAREK**

DIRETOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL DO CAIRO E CRÍTICO DE CINEMA

'O cinema egípcio abraça formas diversas, do realismo social ao melodrama'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



Sob as bênçãos dos faraós e sem o assombro das múmias da intolerância, o Festival do Cairo (ou CIFF, Cairo Internacional Film Festival) abre para o público egípcio, a partir desta quinta, as atrações de sua 47ª edição que escolhei começar de um jeito pop, com "Eu Sou o Rocky" ("I Play Rocky"), sobre o jovem Sylvester Stallone, como filme de abertura. A escolha partiu de um crítico de cinema que hoje é um expoente do mundo árabe em termos de reflexão crítica: o curador Mohamed Tarek. Ele assina a direção artística, pautado por um compromisso ético com o apoio tanto a talentos emergentes quanto a vozes artísticas já consolidadas. Há muitas atrações de peso em mostras paralelas, como potenciais concorrentes ao Oscar, como o russo "Minotauro" e o teuto-búlgaro "The Dreamed Adventure", ambos premiados em Cannes. Haverá ainda homenagem ao diretor italiano Matteo Garrone (de "Eu , Capitão"). Na conversa a seguir, Tarek festeja a saúde criativa do audiovisual de sua pátria – bem ativa na briga pelo troféu Pirâmide de Ouro - e bate palmas para o papel da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (a Fipresci).

Qual é o papel político e poético de uma curadoria que procura falar do Egito para os próprios egípcios e busca também apresentar o país ao mundo? De que maneira esse trabalho repensa os fundamentos estéticos do cinema egípcio contemporâneo?

Mohamed Tarek - Acredito que a relação mais significativa entre um festival de cinema e seu país começa pela compreensão da complexidade da identidade nacional. O Egito possui uma herança cinematográfica extraordinariamente rica, que moldou o imaginário de gerações em todo o mundo árabe. Nossa responsabilidade hoje é tratar esse legado como uma tradição viva, em constante evolução, e criar um espaço no qual os cineastas egípcios contemporâneos possam questioná-lo, reinventá-lo e ampliar suas possibilidades. A dimensão política da programação está nas escolhas que fazemos: quais histórias são contadas, quais experiências ganham visibilidade, a quais linguagens cinematográficas damos espaço e quais debates procuramos estimular. A dimensão poética está em permitir que o cinema expresse as complexidades da experiência humana por meio de imagens, gestos, silêncios e emoções capazes de atravessar fronteiras geográficas e culturais. Para mim, falar do Egito para os egípcios e falar do Egito para o mundo são movimentos profundamente interligados. Quanto mais honestamente um cineasta se dedica às particularidades da vida egípcia, maior é o potencial de sua obra para alcançar ressonância internacional.

Como alcançar plateias diferentes idades nesse movimento?

Nosso interesse é criar um diálogo entre diferentes gerações, entre a herança cinematográfica do país e a experimentação contemporânea, e entre cineastas consagrados e novas vozes. A programação deste ano, que reúne 145 filmes de 64 países, oferece ao cinema egípcio a oportunidade de dialogar com uma ampla variedade de práticas cinematográficas internacionais, ao mesmo tempo que afirma sua identidade própria. Vejo esse processo como uma renovação estética permanente. O cinema egípcio sempre teve capacidade de abraçar formas diversas, do realismo social e do melodrama a produções autorais e experimentais. Nosso papel é estimular os cineastas a redescobrir essa liberdade e desenvolver novas linguagens cinematográficas que surjam organicamente das realidades do Egito de hoje.

De que maneira a visão curatorial de 2026 reflete os conflitos e as questões urgentes enfrentadas pelo Egito e pelos países vizinhos? Que mensagem você espera transmitir ao mundo ao escolher o belo "Eu Sou O Rocky" como filme de abertura?

> *"O desafio de um crítico de cinema hoje é preservar a profundidade, a independência e a curiosidade intelectual da crítica, ao mesmo tempo que abraça as possibilidades oferecidas pelas novas mídias"*

O Egito ocupa uma posição geográfica e cultural singular, no cruzamento entre a África, o mundo árabe e o Mediterrâneo. Os conflitos e as transformações que acontecem ao nosso redor inevitavelmente passam a fazer parte da nossa consciência como programadores, cineastas e espectadores. As consequências humanas devastadoras da guerra em Gaza, o deslocamento de comunidades, a instabilidade vivida